



05 DE MAIO DE 2015

Terça-feira

- CRISE FAZ EMPRESAS PISAREM NO FREIO EM PESQUISA E INOVAÇÃO
- QUANTO CADA CONCESSIONÁRIA DE PEDÁGIO LUCROU EM 2014
- COMÉRCIO FECHA ABRIL COM QUEDA DE 2,3% NAS VENDAS
- BALANÇA COMERCIAL REGISTRA SUPERÁVIT DE US\$ 491 MILHÕES EM ABRIL
- ECONOMIA FRACA REDUZ IMPORTAÇÃO E AJUDA A MELHORAR BALANCA COMERCIAL
- VOLKSWAGEN DÁ FÉRIAS COLETIVAS A 8 MIL FUNCIONÁRIOS
- MERCADO AMPLIA PREVISÃO DE RETRAÇÃO NO PIB EM 2015
- VENDA DE VEÍCULOS CAI 6,5% EM ABRIL ANTE MARCO, APONTA FENABRAVE
- CÂMARA DEVE VOTAR NESTA TERÇA MEDIDAS DO AJUSTE FISCAL PROPOSTO PELO GOVERNO
- PROFESSORES PARTICIPAM DE CAMINHADA CONTRA VIOLÊNCIA POLICIAL EM CURITIBA
- PEDIDOS DE FALÊNCIAS ATINGEM MAIOR NÍVEL NO ANO, MOSTRA SERASA EXPERIAN
- GM CONCEDE LICENÇA REMUNERADA POR TEMPO INDETERMINADO A 467 METALÚRGICOS
- INDICADORES DA INDÚSTRIA CAEM NO PRIMEIRO TRIMESTRE, MOSTRA PESQUISA
- ANEEL AUTORIZA REAJUSTE TARIFÁRIO A QUATRO DISTRIBUIDORAS DE ENERGIA
- PREÇOS AO PRODUTOR SOBEM 1,93% EM MARÇO
- MWM INTERNATIONAL TEM NOVO DIRETOR DE ENGENHARIA
- FPT JÁ USINA BLOCO E CABEÇOTE NA ARGENTINA
- VOLKSWAGEN É GRUPO AUTOMOTIVO MUNDIAL MAIS INOVADOR

- BYD INAUGURA FÁBRICA NO BRASIL EM JULHO
- PACCAR TEM LUCRO LÍQUIDO 38% MAIOR NO 1º TRIMESTRE
- CADE ANALISA NA 4A-FEIRA RECURSO DA CSN SOBRE ENTRADA DA TERNIUM NA USIMINAS
- MINORITÁRIOS DA GERDAU QUESTIONAM A CRIAÇÃO DE UM CONSELHO CONSULTIVO
- TERNIUM E NIPPON VOLTAM A SE ENFRENTAR NA JUSTIÇA
- VALE SUBSTITUI PRODUÇÃO DE MINÉRIO MENOS COMPETITIVA E AVALIA REDUZIR EXTRAÇÃO
- MINERAÇÃO ENFRENTA FIM DO SUPERCICLO DAS COMMODITIES
- MÁQUINAS AGRÍCOLAS DO BRASIL INTERESSAM AO MARROCOS
- QUEDA NO CONSUMO PROJETA ANO CRÍTICO PARA A SIDERURGIA
- ANALISTAS ESPERAM BALANÇO DA CSN NO 1º TRI COM PREJUÍZO
- EMBARQUES DE MINÉRIO DE FERRO DA AUSTRÁLIA PARA CHINA CAEM 4% EM ABRIL ANTE MARÇO
- PARA ANALISTAS, INDÚSTRIA RECUOU 0,3% EM MARÇO

CÂMBIO EM 05/05/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,058	3,059
Euro	3,417	3,418

Fonte: BACEN

Crise faz empresas pisarem no freio em pesquisa e inovação

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A reação é quase automática: diante do aumento generalizado de custos de produção e da queda nas vendas, os cortes no orçamento das empresas serão justamente nas áreas em que os recursos aplicados são vistos como despesas e não investimento. Enquanto a pesquisa e o desenvolvimento não geram resultados, a inovação é que paga a conta.

[INFOGRÁFICO: Registros de patentes caem e empresários reduzem intenção de inovar](#)

Dados do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi) revelam que o número de depósito de patentes caiu 8,5% entre 2013 e 2014, quando considerados os pedidos feitos por residentes no Brasil.

De maneira geral, a quantidade de novas patentes depositadas caiu 2,83% no período. Considerado um dos índices mais relevantes para a avaliação da inovação no país, a queda preocupa especialistas que acompanham o setor.

“A decisão é desafiadora, pois o reflexo do corte é imediato, mas a consequência é no médio e longo prazo. Sem inovação, a empresa não melhora sua produtividade e resultados, pois não tem como diferenciar-se no mercado”, aponta o gerente do Centro de Inovação do Senai, Filipe Cassapo.

Quando optam por abrir mão de buscar novos processos ou lançar produtos, os gestores sucumbem ao reflexo negativo da economia em retração. A inovação é reduzida por causa da crise, quando é por ela que deveria ser estimulada como estratégia de competitividade.

“São esses os momentos em que a ousadia e o pioneirismo são importantes. A inovação é a chave para debelar a crise”, lembra o professor Dálcio Roberto dos Reis, titular do doutorado em Administração da Universidade Positivo.

O pouco apetite para inovar também aparece na Sondagem da Inovação, realizada a cada trimestre desde 2010 pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI).

Pesquisa realizada em 400 empresas mostra que menos da metade (47,8%) apresentou um novo produto ou processo no quarto trimestre de 2014, praticamente o mesmo resultado do período anterior.

A disposição para virar o jogo também estava baixa antes de encerrar 2014: 54% declararam apostar em inovações no terceiro trimestre e chegando a 57,4% no último período, com planos de inovação para o início de 2015, revertendo a tendência negativa.

“Mesmo que o resultado efetivo seja menor do que a intenção no período seguinte, a taxa mostra alguma disposição para inovar. Por mais que a conjuntura adie os projetos, cedo ou tarde eles acabam realizados”, observa a diretora de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da ABDI, Maria Luisa Campos Machado Leal.

Esforços

O desafio está em não deixar para muito mais tarde. O ajuste fiscal aplicado pelo governo federal prevê cortes em áreas sensíveis à inovação e o desempenho da Petrobras, responsável por 20% da geração de novas patentes no país, imersa em denúncias de corrupção e desvio de recursos, são aspectos sombrios do cenário no curto prazo.

Falta ainda aumentar esforços para reduzir a burocracia e facilitar o acesso ao crédito. Mas nem tudo está nas mãos do poder público.

“É preciso mudar a cultura das empresas, algumas acomodadas e conservadoras, para a importância da inovação e essa é uma decisão que deve ser tomada pelos gestores. Ou buscam criar novos produtos, processos e modelos de negócio para expandir ou adotam a postura de acomodação e de retração”, diz Dálcio Reis.

Companhias fazem parcerias estratégicas para buscar resultados

Além de vender sua própria tecnologia a terceiros, as startups podem trabalhar de forma associada a outras empresas para projetos específicos do segmento de negócios. Esse modelo de inovação aberta também permite parcerias com centros de pesquisa e universidades, reduzindo custos e riscos.

A Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) apoia iniciativas entre empresas nascentes e líderes de mercado. Em 2014, desenvolveu um projeto com a 3M para identificação e fomento de projetos inovadores.

Este ano, as empresas Natura e Samsung também investiram em parcerias semelhantes, de busca e incentivo a empreendimentos afinados com suas áreas de atuação.

“Precisamos de iniciativas como essas para consolidar ainda mais esse modelo de desenvolvimento, que integra empresas de diferentes portes, e alavancar a inovação no Brasil”, diz a presidente da entidade, Franciele Procópio Garcia.

Exemplo

Com compromisso público de manter até 3% do faturamento líquido da empresa nos investimentos em inovação, a fabricante de cosméticos Natura chegou a 68% da receita de 2014 proveniente do lançamento de novos produtos.

As parcerias abertas, realizadas desde 2003 em diferentes frentes – em associações com centros de pesquisas, pequenas empresas e programas com públicos interno e externo –, já respondem por mais da metade dos investimentos da empresa na área.

“A campanha do Dia das Mães deste ano foi inspirada em um resultado do projeto Co-Criando Natura do ano passado, que envolve funcionários, vendedores e clientes”, explica a gerente de controle de redes de inovação, Luciana Hashiba.

Com o apoio da Anprotec, a empresa agora busca parceiros em empreendedores nascentes para desenvolvimento de diferentes tecnologias que respondam ao negócio da indústria. “A inovação aberta faz parte da estratégia da Natura.

Isso garante lançamentos mais rápidos e maior agilidade no mercado”, diz. Entre 2012 e 2014, o número de novos produtos pulou de 104 para 239. No ano passado, a empresa investiu R\$ 216 milhões em inovação.

Linha de crédito

O BNDES lançou nesta segunda-feira (4) uma linha de crédito específica para investir em inovação. A taxa de juros será de acordo com o porte da empresa. No caso de micro, pequenas e médias, o custo será formado pela Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), hoje em 6%, mais 1,5%, além de 0,1% de intermediação financeira.

Para empresas médias-grandes e grandes, o custo será a TJLP, mais 1,2%, e 0,5% de intermediação. O prazo máximo de financiamento será de 60 meses.

RITMO LENTO

Queda dos registros de depósitos de marcas e patentes é um dos termômetros do pé no freio na inovação nas empresas brasileiras. Decisão contribui para piora do quadro econômico do país.

Marcas e patentes

em mil

patentes marcas

De janeiro a fevereiro



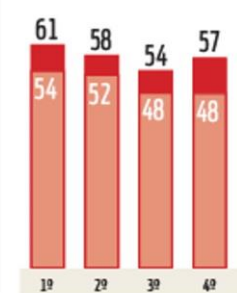
Total do ano



Sondagem ABDI 2014

por trimestre, em %

empresas que inovaram
intenção de inovar



Fonte: Redação. Infografia: Gazeta do Povo.

Estímulo a startups pode ser uma saída

As pequenas empresas, em especial as de base tecnológica, podem ter um grande papel no estímulo à inovação brasileira. Criadas em modelos globais, elas trazem no DNA a característica fundamental de quem precisa aprimorar constantemente processos para alcançar melhores resultados, incluindo mercados internacionais.

“As startups estão inseridas em modelos globais e têm alto impacto no desenvolvimento econômico. São flexíveis e arrojadas ao buscar novos modelos de negócio. Fomentar essa atividade é uma forma de evitar a estagnação”, aposta Filipe Cassado, do Centro de Inovação do Senai.

Reduzindo custos

Uma startup pode gerar soluções para novos processos que ajudam a reduzir custos e melhorar resultados de empresas convencionais. A Incorporato Tecnologia, especializada em automação industrial, oferece ferramentas para otimizar recursos de grandes empresas, permitindo que essas adquiram alguma forma de inovação, ao mesmo tempo em que desenvolve novas tecnologias para ampliar o portfólio.

“Temos sistemas eletrônicos de metrologia, para balanças e portarias industriais. É o que sustenta o negócio, enquanto a equipe desenvolve uma nova automação para residências”, explica o diretor comercial Vilmar Duarte.

A empresa foi beneficiada em um edital da Fundação Araucária e tem até o fim do ano para finalizar o projeto.

Enquanto desenvolve o novo produto, a Incorporato ganha clientela com sistemas personalizados, onde mapeia áreas e troca de equipamentos para economia de energia, por exemplo.

Quanto cada concessionária de pedágio lucrou em 2014

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

As seis concessionárias de pedágio que administram trechos de rodovias no programa estadual de concessões tiveram, juntas, no ano passado, um lucro líquido de R\$ 437,8 milhões.

O valor é apenas 3,2% maior do que o registrado em 2013, de R\$ 424,2 milhões – crescimento abaixo da inflação do período de 2014, que ficou em 6,41%. O resultado foi desigual entre as concessionárias. Algumas tiveram queda no lucro, caso da Econorte e da Ecocataratas, enquanto outras superaram de longe a inflação.

O melhor resultado foi obtido pela Ecovia, com alta de 16,9% no lucro líquido. Em alguns casos, como o da Econorte, o investimento em novas obras superou a rentabilidade da companhia. Veja abaixo como cada uma das concessionárias se saiu no ano passado.

Econorte

A Econorte, concessionária que administra 340 quilômetros no Norte do estado, teve receita operacional de R\$ 177 milhões em 2014, contra R\$ 170 milhões em 2013. Suas receitas totais foram de R\$ 269 milhões, contra R\$ 239 milhões no ano anterior – o dado leva em conta os gastos com novas construções, que entram como receitas no balanço.

Foram, portanto, R\$ 89,7 milhões em obras no ano passado. O lucro líquido foi de R\$ 20 milhões, 38% menor do que os R\$ 32,5 em 2013.

Ecovia

A Ecovia, concessionária que administra 175 quilômetros na ligação entre Curitiba e o Litoral do estado, teve receita de pedágio de R\$ 223,3 milhões em 2014, contra R\$ 208,1 milhões em 2013.

A receita total passou de R\$ 237 milhões para R\$ 268,2 milhões, enquanto o gasto com construção subiu de R\$ 27,9 milhões para R\$ 43,1 milhões. O lucro líquido subiu 16,9%, o melhor resultado entre todas as concessionárias, de R\$ 58 milhões em 2013 para R\$ 67,8 em 2014.

Ecocataratas

Empresa que administra 458 quilômetros no Oeste do estado, a Ecocataratas teve receita com pedágio de R\$ 265 milhões em 2014, contra R\$ 236 milhões um ano antes – a receita bruta total passou de R\$ 274 milhões para R\$ 284 milhões.

O lucro líquido foi de R\$ 42,8 milhões, 1,3% menor do que os R\$ 43,4 milhões de um ano antes. O investimento em construção foi de R\$ 11 milhões, contra R\$ 30,8 milhões em 2013.

Caminhos do Paraná

A Caminhos do Paraná, administra 405 quilômetros na região central do estado e teve receita total de R\$ 232 milhões no ano passado, contra R\$ 207 milhões em 2013. O lucro líquido foi de R\$ 32,5 milhões contra R\$ 29,4 milhões no ano anterior, alta de 10,5%. A empresa não divulga investimentos em novas obras apenas o total em conservação: R\$ 50,3 milhões.

Viapar

A concessionária Viapar, que administra rodovias no Noroeste do estado, incluindo a ligação entre Maringá e Cascavel, teve receita de pedágios de R\$ 293 milhões no ano passado, contra R\$ 267 milhões em 2013.

O investimento em obras de foi de R\$ 43,7 milhões. O lucro líquido cresceu 8%, de R\$ 47,9 milhões em 2013, para R\$ 51,7 milhões em 2014.

Rodonorte

A Rodonorte, que gere 568 km de rodovias nas BRs 277 e 376 que ligam Curitiba ao norte do estado, teve receita total de R\$ 689,9 milhões no ano passado, contra R\$ 596 milhões em 2013 – a receita com o pedágio foi de R\$ 642 milhões, ante R\$ 593 milhões em 2013, com R\$ 93,7 milhões investidos em obras. O lucro líquido foi de R\$ 223 milhões, 3,7% maior do que os R\$ 213 milhões do ano anterior.

Comércio fecha abril com queda de 2,3% nas vendas

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Só com muita promoção os lojistas conseguirão impulsionar as vendas do Dia das Mães, a segunda data mais importante para o varejo depois do Natal. O comércio da cidade de São Paulo encerrou abril com queda de 2,3%, em média, no número de consultas para vendas a prazo e à vista em relação ao mesmo mês de 2014.

Em março, a retração havia sido de 3,1% ante o ano passado, segundo levantamento da Associação Comercial de São Paulo (ACSP).

À primeira vista, a impressão que dá é que houve uma melhora no quadro, porque a queda foi menor em bases anuais em abril em relação a março. Mas o economista da ACSP Emílio Alfieri lembra que a base de comparação é fraca. Em abril do ano passado, as vendas tinham recuado quase 7% em relação ao ano anterior.

“Enquanto a inflação estiver em alta, o juro elevado, o crédito escasso, a confiança em baixa, a renda recuando e o consumidor sentindo os efeitos do tarifaço, que não deixa sobrar dinheiro para ir às compras à vista e a prazo, vai ser difícil reverter esse quadro”, diz o economista.

Ele explica que o que está pesando hoje no desempenho das vendas são os efeitos negativos da macroeconomia e que só medidas microeconômicas, como promoções, podem mudar esse quadro, mas apenas temporariamente. “Os negócios podem ter uma melhora na semana do Dia das Mães, mas não devem se sustentar no restante deste mês.”

A ACSP projeta crescimento de até 3% nas vendas por conta da data. Mais cautelosa, a Confederação Nacional do Comércio (CNC) espera crescimento de 0,5% para a data.

Shoppings

Otimismo mesmo só existe nos shoppings, ainda assim com ressalvas. A Associação Brasileira de Shopping Centers (Abrasce), que representa 525 empreendimentos em funcionamento, espera uma expansão de, no mínimo, 5,5% nas vendas do Dia das Mães deste ano em relação à mesma data de 2014. “Nossa projeção é bem conservadora”, diz Adriana Colloca, superintendente da Abrasce.

De toda forma, como essa previsão de crescimento é nominal, se for descontada a inflação acumulada nos últimos 12 meses até março pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), de 8,13%, o faturamento esperado para o setor terá queda de quase 2,5%.

“Estamos esperando para o Dia das Mães algo parecido com o que ocorreu no ano passado, apesar de o varejo estar mais lento neste ano. Os shoppings vêm ganhando participação no varejo”, diz Adriana.

Os shoppings respondem por 19% das vendas do comércio varejista. No ano passado, os shoppings cresceram 10,14% em vendas o ano inteiro e, para 2015, é esperado um avanço de 8,5%.

Inadimplência

Com menos crédito disponível na praça e a um custo maior, por causa do aumento da taxa de juros para conter a inflação, a inadimplência continua sob controle. Em abril, o número de financiamentos com prestações em atraso acima de 30 dias caiu 8% em relação ao mesmo mês do ano passado, aponta a ACSP.

Mas essa retração não pode ser comemorada. Segundo Alfieri, a tendência é de o calote aumentar nos próximos meses porque, com a alta dos juros, a recuperação do crédito está cada vez mais difícil.

Em abril, o número de financiamentos em atraso renegociados caiu 10,2% em bases anuais. Além disso, a alta do desemprego piora esse quadro.

Balança comercial registra superávit de US\$ 491 milhões em abril

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A balança comercial brasileira registrou em abril um superávit de US\$ 491 milhões, resultado de exportações de US\$ 15,156 bilhões e importações de US\$ 14,665 bilhões. Em abril de 2014, a balança havia tido um superávit de US\$ 506 milhões.

Apesar do superávit no mês passado, a balança comercial brasileira continua com o desempenho fraco. A corrente de comércio, que é a soma das exportações com as importações, registrou uma redução de 16,1%. O total apurado no mês passado foi de US\$ 29,821 bilhões.

Em abril, houve queda nas vendas das principais categorias de produtos da pauta. Os embarques de básicos, como minério de ferro, soja em grão e carnes, caíram 28,9% frente a abril de 2014. As exportações de semimanufaturados (açúcar em bruto, semimanufaturados de ferro e aço e ferro-ligas decresceram 20%.

Já os manufaturados apresentaram uma redução de 14,9%, com destaque para açúcar refinado, automóveis, máquinas para terraplanagem e aviões.

Mercados

Por mercados compradores, caíram as vendas para Europa Oriental (40,3%); América Latina e Caribe, exceto o Mercosul (33,6%); União Europeia (28,5%); Ásia (23%, com queda de 23,4% para a China); África (22,7%); Mercosul (19,2%), Estados Unidos (19,2%) e Oriente Médio (3,3%).

Em termos de países, os cinco maiores compradores de produtos brasileiros foram, por ordem decrescente, China, EUA, Argentina, Países Baixos e Alemanha.

Também em abril caíram as importações das principais categorias de produtos da pauta. Os gastos com combustíveis e lubrificantes tiveram uma queda de 48,3%; matérias-primas e intermediários, 19,8%; bens de consumo 17,9%; e bens de capital 16,4%.

Os cinco principais mercados fornecedores em abril foram, por ordem decrescente, China, EUA, Argentina, Alemanha e Coreia do Sul.

Acumulado

No acumulado do ano até abril, a balança continua no vermelho, com déficit de US\$ 5,066 bilhões. As exportações somaram US\$ 57,931 bilhões nos primeiros quatro meses deste ano e as importações totalizaram US\$ 62,997 bilhões. No ano passado, o déficit no primeiro quadrimestre foi maior, de US\$ 5,573 bilhões

Economia fraca reduz importação e ajuda a melhorar balança comercial

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Com a queda dos preços internacionais do petróleo e a desaceleração da economia doméstica, que tem reduzido a demanda dos brasileiros por produtos importados, o país registrou em abril o segundo superávit comercial consecutivo neste ano, apesar do fraco desempenho das exportações. O saldo foi positivo em US\$ 491 milhões, resultado muito próximo ao verificado em abril do ano passado (US\$ 506 milhões).

INFOGRÁFICO: Balança se recupera no mês, mas segue negativa no ano

No ano, porém, a balança comercial ainda continua com forte déficit, de US\$ 5,066 bilhões – resultado que é melhor, no entanto, que o saldo negativo de US\$ 5,573 bilhões registrado no mesmo período de 2014.

As exportações brasileiras têm sofrido o impacto da expressiva redução dos preços dos dois principais produtos vendidos pelo país lá fora: soja e minério de ferro. A venda de produtos industrializados também está em queda, vítima da desaceleração econômica da Argentina, principal mercado consumidor desses produtos brasileiros.

No mês passado, quando os embarques de soja ainda foram afetados por um incêndio no porto de Santos, as exportações totais do país recuaram 23,2%. No ano, a queda acumulada é de 16,4%.

As importações, por outro lado, também estão em queda acelerada em consequência da redução da demanda interna por produtos do exterior e da queda das cotações do petróleo. Em abril, a redução foi de 23,7%. No ano, as importações caíram 15,9%.

O déficit da chamada conta-petróleo – que computa as exportações e importações do produto e derivados – caiu para US\$ 3,5 bilhões nos primeiros quatro meses do ano, ante US\$ 6 bilhões no mesmo período do ano passado.

Câmbio compensa

Herlon Brandão, diretor do Departamento de Estatística e Apoio à Exportação do Ministério do Desenvolvimento, afirma que a desvalorização do real verificada neste ano contribui para melhorar a rentabilidade do exportador – que passa a receber mais reais

pelos dólares das vendas –, o que compensa parcialmente a redução dos preços das commodities.

Ele frisou, no entanto, que a oscilação do preço do dólar observada nas últimas semanas compromete parte dos ganhos. “É necessário uma estabilidade do câmbio.” O governo continua trabalhando com a perspectiva de um superávit comercial neste ano, embora não faça a estimativa de quanto seria esse resultado.

A projeção, segundo ele, leva em conta a manutenção do cenário de queda de demanda doméstica, preços achatados das commodities, petróleo em baixa e desaquecimento da demanda da Argentina e da China.

No ano passado, o país registrou um déficit comercial de US\$ 3,930 bilhões, o primeiro resultado negativo da balança desde 2000.

Governo aposta em acordos bilaterais para destravar negócios

Em tempos de vacas magras, com a economia estagnada, a balança comercial deficitária e um pacote reformulado de concessões em ferrovias, rodovias e aeroportos para “vender” aos investidores, o governo parte em busca de consultas e acordos bilaterais com outros países.

A ideia é resolver questões pontuais que travam comércio e investimentos, com a ampla participação do empresariado brasileiro, para que esses comitês bilaterais entre governos funcionem como uma espécie de juizado de pequenas causas, segundo explicou o secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Ivan Ramalho, coordenador das negociações.

O regime de consultas bilaterais teve início com a recente retomada das boas relações do Brasil com os Estados Unidos, somada à evidente recuperação da economia americana. A expectativa é que os primeiros resultados das conversas sejam conhecidos no fim deste mês, durante visita da presidente Dilma Rousseff a Washington.

Semana passada, houve uma reunião entre autoridades do Brasil e do Peru. Até a segunda quinzena de agosto, há encontros marcados com Uruguai, Argentina, Venezuela, Noruega, Chile, Paraguai, Índia, Bolívia e Colômbia. E uma possibilidade de encontro com a China.

Relações

Nesse plano de ação, que fará parte do Programa Nacional de Exportações, a ser divulgado até junho, há alguns dados que estão sendo levados em conta por técnicos do governo e representantes do setor privado.

Por exemplo: foi com a Nigéria que o Brasil teve o maior déficit comercial em 2014, no valor de US\$ 8,5 bilhões, devido ao aumento das importações de petróleo. Os nigerianos poderiam comprar mais do Brasil, destaca Ivan Ramalho.

O segundo maior saldo negativo foi com os EUA, de US\$ 7,9 bilhões. Os americanos podem substituir parte das compras de manufaturados brasileiros que deixaram de ser feitas pela Argentina, devido à forte crise econômica pela qual passam os argentinos, sugere.

Por outro lado, a Venezuela foi, individualmente, o país que garantiu ao Brasil o maior superávit comercial, no valor de US\$ 3,4 bilhões. Mergulhados em uma grande crise

política e econômica, os venezuelanos preocupam os exportadores brasileiros, que temem não receber pelo que venderam aos vizinhos.

Volkswagen dá férias coletivas a 8 mil funcionários

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Com a retração de vendas de veículos, duas montadoras do ABC paulista anunciaram novos afastamentos de empregados. A Volkswagen colocou todos os funcionários das linhas de produção de sua fábrica em São Bernardo do Campo em férias coletivas, medida que começou a valer nesta segunda-feira (4).

Os trabalhadores, cerca de 8 mil dos 13 mil funcionários da unidade, só retornarão à atividade daqui a dez dias. Apenas os funcionários da área administrativa permanecem trabalhando. "A Volkswagen tem feito uso de ferramentas de flexibilização para adequar o volume de produção à demanda do mercado", informou a montadora em comunicado.

Também no ABC, a General Motors anunciou que colocará, a partir desta terça-feira (5), 467 funcionários da fábrica de São Caetano do Sul em licença remunerada. A empresa já tem 850 funcionários daquela unidade em layoff (suspensão temporária dos contratos de trabalho).

Ainda no Vale do Paraíba, de acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, 470 empregados da fábrica da chinesa Cherry, inaugurada há menos de um ano, estão em greve há 29 dias. A Mercedes também já concedeu dez dias de férias coletivas no início do ano, tanto no ABC quanto na unidade de Juiz de Fora (MG), onde trabalham 900 pessoas.

Retração

De acordo com a Anfavea, a associação que reúne as montadoras, as vendas recuaram mais de 17% nos três primeiros meses do ano. A entidade espera para este ano a produção de 2,8 milhões de veículos em todo o país, o equivalente a uma queda de 10% em relação a 2014.

Já para as vendas, a previsão é de que sejam comercializados 3,03 milhões de veículos este ano, número 13,2% menor do que em 2014.

Mercado amplia previsão de retração no PIB em 2015

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O PIB brasileiro deve retrair 1,18% em 2015, de acordo com o centro (mediana) das previsões feitas por economistas e instituições financeiras consultados pelo Banco Central. Há uma semana, a expectativa era de que a retração fosse de 1,10%. Para 2016, mantém-se a previsão de uma recuperação de 1,0%.

Os dados fazem parte do boletim Focus, divulgado semanalmente pelo BC. A consulta também mostra que, se há uma semana a previsão era de que a taxa de juros Selic fechasse 2015 em 13,25% ao ano, agora espera-se uma taxa de 13,50%.

Já o IPCA, que mede a inflação oficial, deve chegar a 8,26% ao ano –no último boletim, a taxa esperada era de 8,25%. Assim como na semana passada, a previsão para a taxa de câmbio no fechamento do ano ficou em R\$ 3,20 para 2015 e R\$ 3,30 para 2016 – nesta segunda-feira (4) a moeda fechou a R\$ 3,08 na venda.

Venda de veículos cai 6,5% em abril ante março, aponta Fenabrave

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

As vendas de veículos novos em abril caíram 6,53% ante março e tombaram 25,19% na comparação com o mesmo mês do ano passado. Os números foram divulgados nesta terça-feira (5), pela Federação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Fenabrave). Com o resultado, os licenciamentos acumulam queda de 19,19% em 2015 até abril ante igual período de 2014.

Nos 20 dias úteis de abril, foram vendidos 219.350 automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões em todo o País, menos do que os 234.670 mil licenciados nos 22 dias de vendas em março e do que os 293.229 mil emplacados durante os 20 dias úteis de abril do ano passado. A diferença no número de dias de vendas se deu basicamente em razão dos feriados de Páscoa e de Tiradentes que ocorreram abril, ante nenhum feriado em março.

Segmentos

O segmento de pesados foi, em abril, mais uma vez o que apresentou pior desempenho nas vendas. Os emplacamentos de caminhões e ônibus juntos caíram 10,96% ante março e recuaram 42,64% igual mês do ano passado. Com o resultado, ele acumula recuo de 35,44% nos quatro primeiros meses de 2015 na comparação com igual período do ano passado.

De acordo com a Fenabrave, em abril, foram vendidos 1.939 ônibus, o equivalente a queda de 11,66% em relação a março e retração de 25,59% ante igual mês de 2014. No acumulado do ano, os licenciamentos de ônibus caem 21,87%.

Já os emplacamentos de caminhões somaram 5.806 unidades, recuos de 10,72% na variação mensal e de 46,71% na comparação anual. Com o resultado, acumula queda de 38,95% em 2015 até abril.

As vendas de automóveis e comerciais leves, por sua vez, caíram 6,36% em abril ante março e se retraíram 24,35% ante igual mês de 2014. Com isso, acumulam queda de 18,39% nos quatro primeiros meses de 2015.

No mês passado, foram emplacados 179.204 automóveis, quedas de 5,62% na variação mensal e de 23,73% na anual. Com o resultado, as vendas de carros acumulam queda de 18,03% nos quatro primeiros meses de 2015.

Já os licenciamentos de comerciais leves caíram 10,25% em abril ante março e tombaram 27,63% ante abril de 2014, ao somarem 32.401 unidades. No ano, acumulam recuo de 20,27% até abril.

Motos e implementos

Somando motocicletas, implementos rodoviários e outros veículos, o total de emplacamentos em abril chegou a 343.049 unidades, o que corresponde a quedas de 8,91% ante março e de 21,8% ante um ano atrás.

Com o resultado, as vendas totais do setor de distribuição de veículos (automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus, motocicletas, implementos rodoviários, máquinas agrícolas e outros, como carretinhas para transporte) acumulam queda de 16,63% em 2015 até abril, na comparação com igual período do ano passado.

Câmara deve votar nesta terça medidas do ajuste fiscal proposto pelo governo

05/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A Câmara deve votar nesta terça-feira as medidas provisórias de ajuste fiscal enviadas pelo Palácio do Planalto ao Congresso. A MP 665/14, que torna mais rígida a concessão do seguro-desemprego e do abono salarial, já tranca a pauta e será apreciada pelo plenário da Casa.

Já uma comissão mista apreciará a admissibilidade da MP 664/14, que estabelece novas regras para a concessão do auxílio-doença e da pensão por morte. Se aprovada, ela segue para o plenário.

Costa diz que Dilma é responsável por Pasadena

Ele diz que a presidente endossou a decisão tomada pelo Conselho de Administração da Petrobras.

MP 664 — Deverá ser votada nesta terça-feira por uma comissão mista do Congresso. Se aprovada, vai para o plenário da Câmara com prioridade de votação. Na pensão por morte, cria limitações, como o tempo mínimo de 18 meses de contribuição e de dois anos de casamento ou união estável para o pagamento da pensão.

Antes, não havia prazos. No auxílio-doença, o valor não poderá exceder a média das 12 últimas contribuições. Antes, o cálculo tinha por base a média dos 80% maiores salários de contribuição.

MP 665 — Deverá ser votada nesta terça-feira no plenário da Câmara. Eleva de seis para doze meses o tempo necessário de trabalho ininterrupto para o primeiro acesso ao seguro-desemprego.

No abono salarial, antes, o trabalhador que recebia até dois salários-mínimos e permanecia por 30 dias no emprego tinha direito ao benefício de um mínimo por ano. Agora, são necessários três meses de trabalho ininterrupto para acesso ao benefício, pago de forma proporcional ao tempo trabalhado.

Temendo desgaste junto a sua base eleitoral, muitos petistas relutam em apoiar as medidas, mesmo com as alterações feitas pelo relator da MP 665 na comissão especial, senador Paulo Rocha (PT-PA), que tentou encontrar um meio-termo entre as regras atuais e a proposta do governo.

Nesta segunda-feira, o vice-presidente Michel Temer (PMDB), que é articulador político do governo Dilma, pediu para que o PT se unifique para a aprovação dos temas. Desde o início, o PMDB de Temer vem reclamando de que não quer assumir sozinho o ônus de encampar essa pauta.

Para constranger o PT, Eduardo Cunha deixará as galerias da Câmara abertas à entrada de manifestantes. Os trabalhadores em geral, organizados pelas centrais sindicais, são contrários às medidas. Na votação do projeto que estende a terceirização para todas as atividades — patrocinado pelo peemedebista —, foi proibido o acesso de sindicalistas nas dependências da Casa.

A posição da bancada petista era incerta. O líder, Sibá Machado (AC) disse ao jornal O Globo que o fechamento de questão era sua prioridade, mas que não há ainda uma decisão do partido. Segundo Sibá, as discussões amadureceram nos últimos dias, o que poderá levar a um consenso.

Vários petistas, porém, resistem ao fechamento de questão, por serem contra a restrição de benefícios trabalhistas e previdenciários, especialmente na atual crise econômica. As medidas atingem em cheio a base eleitoral sindicalista do partido.

Os 64 deputados do PT serão instados, hoje, a apoiar o governo, mas boa parte está desconfortável. A situação piorou ontem, com a convocação da reunião por Sibá, que incluiu no comunicado da reunião o aviso que ela será para “fechar questão”.

Reservadamente, os deputados petistas dizem que estão se sentindo com a faca no pescoço e que a votação das medidas de ajuste deixará sequelas na bancada. O líder do governo, deputado José Guimarães (PT-CE), admitiu ser preciso “pacificar” seu partido:

— A meta é termos 100% dos votos dos partidos da base. O PT e o PMDB puxam a marcha. O PT engata a primeira marcha, o PMDB engata a segunda e, da terceira para frente, é embalar o carro para votarmos. Para a base, a posição do PT é estratégica. Amanhã (hoje) teremos uma reunião para pacificarmos a bancada do PT — disse Guimarães.

Para o líder do DEM, deputado Mendonça Filho (PE), o debate irá “desmascarar” o governo Dilma.

— Ela dizia na campanha que não mexeria nos direitos dos trabalhadores e, através dessas duas MPs, a conta do ajuste está sendo repassada para os trabalhadores do Brasil.

O QUE ESTÁ EM JOGO

O texto da MP 665/14 foi aprovado na última quarta-feira pela comissão mista. A medida eleva de seis para doze meses o tempo necessário de trabalho ininterrupto para o primeiro acesso ao seguro-desemprego. No caso do abono salarial, antes, o trabalhador que recebia até dois mínimos e permanecia por 30 dias no emprego tinha direito ao benefício de um mínimo.

Com a proposta, são necessários três meses de trabalho ininterrupto para acesso ao benefício, pago de forma proporcional ao tempo trabalhado.

Na MP 664/14, a novidade é que, entre outras limitações, cria tempo mínimo de 18 meses de contribuição para acesso ao benefício. Antes, não havia prazo. Impõe tempo mínimo de dois anos de casamento ou união estável para o pagamento da pensão, limite que inexistia.

No auxílio-doença, o valor não pode exceder a média das 12 últimas contribuições. Hoje, o cálculo tem por base a média dos 80% maiores salários de contribuição.

Professores participam de caminhada contra violência policial em Curitiba

05/05/2015 - Fonte: Agência Brasil

Professores da rede de ensino do Paraná participam hoje (5) pela manhã de caminhada pelas ruas de Curitiba. O intuito do ato é protestar contra a violência policial. Em 29 de abril, policiais militares usaram bombas de gás, balas de borracha e jatos de água para dispersar os manifestantes que tentavam entrar na Assembleia Legislativa.

Pelo menos 170 manifestantes, na maioria professores, e 20 policiais ficaram feridos no episódio. Os professores protestavam contra o projeto - sancionado pelo governo do Paraná no dia seguinte - que alterou as regras de aposentaria dos servidores estaduais.

Os manifestantes planejam caminhar da Praça 29 de Dezembro até o Centro Cívico, sede do governo estadual. Os professores paranaenses estão em greve desde 25 de abril. Eles reivindicam reajuste salarial, novo concurso público e melhores condições de trabalho.

Os professores pedem 13,1% de reajuste e o pagamento retroativo à data-base. Está prevista para o fim da manhã de hoje uma reunião dos professores com representantes do governo para discutir as reivindicações. Às 14h30, está prevista assembleia da categoria para decidir se prosseguem com a greve.

A caminhada foi convocada pelas redes sociais. O Sindicato de Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) estima que pelo menos 15 mil manifestantes devem participar do ato.

Pedidos de falências atingem maior nível no ano, mostra Serasa Experian

05/05/2015 - Fonte: Agência Brasil

Os pedidos de falência apresentaram alta de 15% em abril, na comparação com março, segundo a empresa de consultoria Serasa Experian. Foram registrados 161 pedidos em todo o país, o maior número do ano.

Segundo o estudo, este também foi o pior resultado para um mês de abril nos últimos três anos. Na comparação com abril de 2014, a quantidade de pedidos de falência cresceu 23,8%.

Economistas da Serasa Experian dizem que o atual quadro conjuntural, com baixo dinamismo da atividade econômica, elevação contínua do custo financeiro das empresas, alta do dólar e aumento dos custos com energia elétrica e combustíveis, tem prejudicado a saúde financeira das empresas, levando-as aos pedidos de falências.

Entre os requerimentos de falência do mês passado, 85 partiram de micro e pequenas empresas, 33 de médias empresas e 43 de empresas de grande porte.

Os pedidos de recuperações judiciais cresceram 30,7% em abril na comparação com o mês anterior. Foram 98 solicitações no mês passado, contra 75 em março. As micro e pequenas empresas lideraram com 54 pedidos, seguidos pelas médias (29) e pelas grandes empresas (4).

GM concede licença remunerada por tempo indeterminado a 467 metalúrgicos

05/05/2015 - Fonte: Agência Brasil

A unidade da General Motors do Brasil de São Caetano do Sul concede a partir de hoje (5) licença remunerada por tempo indeterminado a 467 metalúrgicos. Com essa medida sobe para mais de 1,3 mil o número de trabalhadores afastados da unidade, pois desde outubro do ano passado 854 trabalhadores estão sob o regime *lay-off* (suspensão temporária do contrato de trabalho em que os empregados continuam recebendo os seus salários em parte pagos pela empresa e em parte pelo governo federal).

A informação foi passada pelo vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, Francisco Nunes, e confirmada pela montadora que justificou ser uma medida para "ajustar a produção à atual demanda do mercado".

O líder sindical reconhece que o setor da indústria automobilística está em crise e lembra que, só na GM, a produção caiu de 55 para 38 carros por hora. Ele, no entanto, ficou surpreso com as licenças: "Isso nos deixa inquietos".

Nunes lembrou que os contratos em sistema *lay-off* que venceriam no último dia 9 de abril foram prorrogados para 9 de julho. Segundo ele, amanhã (6) às 14 h, está marcada reunião da diretoria do Sindicato com representantes da montadora para discutir a questão do emprego e alternativas para evitar demissões.

No começo de abril, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) fez uma projeção de recuo de 13,2% nas vendas ao mercado interno neste ano, observando que o cálculo considerou um aumento da demanda, no segundo semestre. A previsão pode ou não ser revisada, na próxima quinta-feira (7), quando a entidade irá divulgar o balanço em torno do desempenho do setor em abril.

Indicadores da indústria caem no primeiro trimestre, mostra pesquisa

05/05/2015 - Fonte: Agência Brasil

Indicadores industriais iniciaram 2015 em queda, segundo informou pesquisa da CNIImagens de arquivo/Agência Brasil.

A indústria brasileira iniciou 2015 em queda, segundo a pesquisa Indicadores Industriais, divulgada hoje (5) pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Dados do primeiro trimestre mostram retração do faturamento real, horas trabalhadas, empregos, massa salarial real e rendimento médio real, na comparação com igual período de 2014.

As maiores quedas foram das horas trabalhadas e do faturamento real, com recuo respectivo de 8,5% e 6%, em comparação aos três primeiros meses de 2014. A massa salarial real caiu 4,1%, e o emprego, 3,9% no período.

O rendimento médio real teve variação negativa de 0,2% em comparação ao primeiro trimestre do ano passado.

Levando-se em conta apenas o mês de março, houve recuo da maioria dos indicadores tanto em comparação a março de 2014 quanto em relação a fevereiro.

Comparando março deste ano com igual mês do ano passado, o faturamento real subiu 0,2%, mas as horas trabalhadas, o emprego, a massa salarial e o rendimento médio caíram, respectivamente, 5,9%, 4,5%, 5% e 0,6%.

Em comparação a fevereiro deste ano, o faturamento cresceu 0,5%, enquanto horas trabalhadas, emprego, massa salarial e rendimento recuaram 0,9%, 0,8%, 1,4% e 0,8%. A utilização da capacidade instalada pela indústria ficou em 80,8% em março.

Houve melhora de 0,7 ponto percentual em relação a fevereiro deste ano, mas queda de 0,4 ponto percentual em comparação aos 81,2% registrados para o mesmo mês de 2014.

Na avaliação da CNI, as variações positivas registradas para o faturamento e a utilização da capacidade instalada em março não são suficientes para reverter o cenário adverso da indústria.

A entidade destacou que os dois indicadores "seguem em baixo nível em suas séries históricas".

Aneel autoriza reajuste tarifário a quatro distribuidoras de energia

05/05/2015 - Fonte: Agência Brasil



A Agência Nacional de Energia Elétrica aprovou hoje (5) o reajuste tarifário de quatro distribuidoras administradas pela Energisa. Três delas reduzirão a conta de luz. A maior parte dos municípios que aplicarão os novos valores tarifários está localizada em São Paulo. O reajuste começa a vigorar no dia 10 de maio.

Os 171 mil clientes da Empresa de Distribuição de Energia Vale Paranapanema sentirão um efeito médio negativo de -0,09% nas tarifas. Para consumidores de baixa tensão, o efeito será -0,49%.

Os consumidores de alta tensão terão suas tarifas aumentadas em 0,81%. A distribuidora atende a 419 mil pessoas residentes em 27 municípios em São Paulo.

As contas de luz de 142 mil clientes da Empresa Elétrica Bragantina (EEB) também terão suas tarifas reduzidas para consumidores de baixa tensão, em -1,23%. Consumidores de alta tensão terão suas tarifas aumentadas em 1,24%.

Com isso, o efeito médio será negativo, em -0,23%. A EEB atende a 419 mil pessoas residentes em 15 municípios de São Paulo e Minas Gerais.

Tanto os consumidores de baixa quanto os de alta tensão atendidos pela Companhia Nacional de Energia Elétrica (CNEE) terão suas contas de luz reduzidas, em -3,83% e -2,92% respectivamente.

O efeito médio sentido pelos consumidores será -3,62%. A CNEE atende a 108 mil clientes – o que corresponde a 265 mil pessoas residentes em 15 municípios paulistas.

A Caiuá Distribuição de Energia também é administrada pelo grupo Energisa e foi a única a ter todas as tarifas reajustadas. O reajuste médio ficou em 1,85%, sendo de 3,15% para consumidores de alta tensão e de 1,39% para os de baixa tensão.

A distribuidora tem 227 mil clientes (ou 530 mil pessoas) residentes em 24 municípios de São Paulo.

Preços ao produtor sobem 1,93% em março

05/05/2015 - Fonte: Agência Brasil

O Índice de Preços ao Produtor (IPP) subiu 1,93%, em março, em comparação ao mês anterior. O IPP mede a evolução dos preços de produtos na porta das fábricas, ou seja, sem impostos e fretes.

Foram pesquisados 23 setores da indústria de transformação. O acumulado em 2015 foi 2,22% até março. O acumulado em 12 meses alcançou 4,94%.

Em março de 2015, 19 das 23 atividades pesquisadas apresentaram variações positivas de preços, contra 17 do mês anterior.

As maiores variações observadas em março foram equipamentos de transporte (7,86%), fumo (5,58%), produtos químicos (5,56%) e papel e celulose (4,91%). Tiveram maior influência, sobre o índice de março, produtos químicos, alimentos, metalurgia e equipamentos de transporte.

MWM International tem novo diretor de engenharia

05/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A MWM International anuncia Cristian Malevic como seu novo diretor de engenharia de produto de motores no Brasil. O executivo passa a ser responsável pelas áreas de engenharia de design e simulação, combustão e calibração, desenvolvimento de motor básico e aplicação, eletrônica, e controles, além dos setores de pós-vendas e gestão da rede de serviços, reportando-se diretamente ao presidente da empresa, José Eduardo Luzzi.

Na empresa desde 1998, Malevic passou por diversas áreas da engenharia, como desenvolvimento, engenharia de confiabilidade e garantia.

Formado em Engenharia Mecânica pela Escola de Engenharia Mauá, Malevic acumula especialização em motores de combustão interna na mesma instituição.

Possui MBA Executivo pela BSP, Business School São Paulo com a Sawyer Suffolk da Universidade de Boston, em Massachusetts, nos Estados Unidos.

FPT já usina bloco e cabeçote na Argentina

05/05/2015 - Fonte: Automotive Business

A fábrica da FPT Industrial de Córdoba, na Argentina, passou a executar internamente a usinagem do bloco e do cabeçote do motor, etapa antes realizada pela unidade francesa da companhia em Bourbon-Lancy.

Inaugurada em 2012, a planta de Córdoba emprega mais de 300 pessoas. Para atender o novo processo interno foram contratados cerca de 40 novos funcionários diretos e indiretos.



O projeto de usinagem própria começou em 2013 no país vizinho. Foram adquiridos equipamentos específicos para montar o cabeçote e o bloco do motor, lavadoras de alta pressão e equipamentos de teste e medição responsáveis pela verificação dimensional, que avalia se o tamanho e a espessura dos motores estão de acordo com as especificações.

Atualmente, a FPT produz motores na Argentina utilizando-se da tecnologia de alta pressão, que retira as impurezas dos componentes internos do motor e possibilita que, na última etapa da operação da usinagem, o acabamento do motor seja feito sem a necessidade de girar o bloco completo, uma vantagem operacional ante a concorrência.

Em outras montadoras o processo é feito em partes, o que pode causar erro na medição e demora no processo. Para Izidro Penatti, diretor da planta de Sete Lagoas, MG, e da FPT Industrial na América Latina, houve "alterações e melhorias em toda a cadeia de produção trazidas pela usinagem interna".

A FPT Industrial produz em Córdoba os motores Cursor 9 e Cursor 13, presentes em caminhões pesados e extrapesados. A versão mais potente é o Cursor 13, um seis-cilindros de 560 cavalos com aftercooler.

Volkswagen é grupo automotivo mundial mais inovador

05/05/2015 - Fonte: Automotive Business

O Grupo Volkswagen foi eleito o fabricante de veículos mais inovador do mundo em 2015, à frente de Daimler e Ford. Também foi considerado o campeão de inovações da última década, acima de Daimler e Grupo BMW, segundo e terceiro colocados, respectivamente.

Os dados são do levantamento anual do Centro de Gerenciamento Automotivo (CAM na sigla em inglês), instituto alemão independente de pesquisas para o setor automotivo, juntamente com a consultoria Price waterhouse Coopers (PwC).

A Mercedes-Benz foi escolhida pelo júri, no prêmio especial, como a marca mais inovadora da década, passando BMW e Volkswagen.

Felix Kuhnert, sócio e chefe da PwC Automotive para Alemanha e Europa, analisa que inovar faz parte do DNA das fabricantes alemãs.

"A inovação é um pré-requisito essencial para o sucesso, mas apenas para fabricantes da Alemanha. Quando se compra Audi, Mercedes, BMW ou Porsche, espera-se tecnologia de ponta para o dinheiro investido", avalia o executivo.



Para o CAM, em 2014 houve mais inovação do que nunca no levantamento que avaliou 1,2 mil casos de 18 grupos e 53 marcas da indústria.

De acordo com a pesquisa, ainda que mantenha 37% das inovações registradas pelo instituto, a indústria automotiva alemã apresentou declínio de 4% em relação ao nível recorde do ano anterior.

O Japão, segundo colocado no número de casos apresentados, também caiu 4% em relação ao ano anterior e agora tem 18% de participação. O destaque vai para o mercado norte-americano, que cresceu 2% no número de inovações da indústria e chegou a 17% do total.

O prêmio de inovação para marca de grande volume de produção foi dado pela primeira vez à Ford, que ficou à frente de Volkswagen e Hyundai, segunda e terceira colocadas, respectivamente. A Mercedes foi campeã como marca premium mais inovadora, seguida de Audi e BMW.

Já o modelo que venceu na categoria de carro inovador mais forte foi o Volvo XC90, com 35 pontos no índice, ficando na frente do Volkswagen Passat e do Jaguar XE, com 31 e 23 pontos cada, respectivamente.

O Grupo BMW foi reconhecido em prêmio especial pelo compromisso com sistemas de propulsão alternativos: o "projeto i" de carros elétricos e híbridos recebeu premiação especial como o mais inovador da década passada. Com os modelos i3 e i8, o grupo de Munique foca em mobilidade elétrica e estruturas de carbono.

Stefan Bratzel, líder de estudos do CAM, observa que as mudanças estruturais na indústria estão relacionadas ao alto nível de inovação. "A indústria automotiva está em fase de mudança de paradigmas: novos mercados, novas necessidades dos clientes e novas tecnologias, que resultam na reinvenção do automóvel", avalia.

Enquanto entre as montadoras as campeãs são todas alemãs, entre os fornecedores a nacionalidade dos vencedores é diversificada. A categoria de elétricos e eletrônicos ficou com o grupo alemão Continental.

Em interiores, a francesa Faurecia levou o máximo dos pontos. A americana TRW Automotive (comprada no ano passado pela alemã ZF) ganhou com os sistemas de segurança na categoria de chassis.

No quesito exterior, o júri conferiu vitória ao grupo ThyssenKrupp, também com sede na Alemanha. Na categoria condução, a campeã foi a companhia canadense-austriaca Magna, pelo desenvolvimento de tecnologia de tração.

RANKING 2015 DOS MAIS INOVADORES							
Posição	Fabricantes	Marcas	Marcas de grande volume de produção	Modelos	Especial: Marca mais inovadora da última década	Especial: Fabricantes mais inovadores da última década	Especial: Projeto mais inovador da última década
1º	Grupo Volkswagen	Mercedes-Benz	Ford	Volvo XC90	Mercedes-Benz	Grupo Volkswagen	
2º	Daimler	Audi	Volkswagen	VW Passat	BMW	Daimler	BMW - Projeto "i"
3º	Ford	BMW	Hyundai	Jaguar XE	Volkswagen	Grupo BMW	

BYD inaugura fábrica no Brasil em julho

05/05/2015 - Fonte: Automotive Business

Está marcada para julho a inauguração da fábrica da BYD no Brasil, localizada em Campinas (SP) e que está em fase final de construção, já no processo de instalação de máquinas e equipamentos e de obtenção da licença de funcionamento.

Com investimento inicial de R\$ 150 milhões, a empresa de origem chinesa e especialista em baterias e veículos híbridos e elétricos prevê a entrega dos primeiros ônibus elétricos nacionais ainda no segundo semestre, contemplando parte da primeira fase do seu plano de instalação no País, com a primeira fábrica de ônibus 100% elétrico da América Latina.

O projeto, que conta com o apoio da Investe São Paulo, agência de fomento do Estado, começou a ser negociado em março de 2012 e foi confirmado há quase um ano, em julho de 2014, com a assinatura de protocolo de intenções entre a BYD, que já mantém escritório em São Paulo, e a prefeitura de Campinas.

Com capacidade para produzir 500 unidades por ano, a unidade já nasce com a possibilidade de aumentar para 1 mil unidades/ano à medida do crescimento do mercado.

Os ônibus elétricos da BYD produzidos no Brasil são para atender a demanda interna e exportações para mercados dos demais países da América Latina.

Em 2016, ainda como parte da primeira fase do investimento, a BYD pretende aplicar outros R\$ 100 milhões dentro do mesmo complexo industrial, para a construção de uma outra planta de produção de painéis solares.

Já a segunda fase, ainda sem data definida, prevê a ampliação da capacidade das duas primeiras fábricas, além de uma terceira dedicada à produção de componentes de chassi.

Pelos planos da BYD, esta nova fase prevê investimento de R\$ 150 milhões, elevando para R\$ 400 milhões o aporte total da companhia no País no longo prazo.

A estimativa é de que até lá a unidade de Campinas alcance capacidade produtiva de 4 mil chassis por ano, além da produção de sistemas de alta voltagem e células de bateria.

Após esta primeira fase da produção, a BYD calcula ter gerado 450 novas vagas de emprego ao longo do desenvolvimento de suas operações.

Paccar tem lucro líquido 38% maior no 1º trimestre

05/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A Paccar apura crescimento de 38% de seu lucro líquido no primeiro trimestre, ao encerrar o período com US\$ 378,4 milhões – ou US\$ 1,06 por ação – contra os US\$ 273,9 milhões registrados em igual intervalo do ano passado ou US\$ 0,77 por ação diluída.

O faturamento obtido com vendas e serviços financeiros alcançaram US\$ 4,83 bilhões, aumento de 10% na mesma base de comparação.

“Os resultados do segmento de caminhões melhoraram em comparação com o ano passado, refletindo os benefícios dos maiores níveis de vendas da indústria de caminhões da América do Norte. A Paccar também gerou excelentes resultados de vendas no mercado de pós-vendas e serviços financeiros.

O sólido balanço e fluxo de caixa positivo possibilitaram que a empresa investisse mais de US\$ 3,1 bilhões em novos produtos e serviços nos últimos cinco anos, incluindo a expansão da capacidade de produção em mais de 15% na fabricação de veículos e de peças.

Os novos veículos Kenworth, Peterbilt e DAF, os investimentos em motores Paccar, vendas e suporte no mercado pós-vendas estão contribuindo para o crescimento da empresa no longo prazo”, afirmou em nota Ron Armstrong, CEO da Paccar.

No relatório a empresa destaca o bom desempenho no mercado da América do Norte, para o qual a empresa estima que as vendas toais de caminhões da categoria Classe 8 na região fique entre 260 mil a 290 mil unidades este ano sobre as 250 mil registradas no ano passado.

“O mercado de caminhões está aquecido devido ao bom andamento da economia, demanda recorde por frete e expansão da capacidade da frota da indústria. Os dois últimos trimestres de pedidos da indústria de caminhões Classe 8 foram os mais fortes desde 2006.

As fábricas de caminhões da Kenworth e Peterbilt estão produzindo em níveis recordes, o que reflete o mercado aquecido”, aponta Dan Sobic, vice-presidente executivo.

Já na América do Sul, a empresa projeta uma queda de até 30% no segmento de pesados para algo entre 90 mil e 110 mil veículos na comparação com os 129 mil caminhões pesados vendidos na região em 2014.

Apesar do cenário controverso, Marco Davila, vice-presidente da Paccar e presidente da DAF no Brasil destaca a presença da marca na região: “Os veículos da Paccar conquistaram significativa participação de mercado em muitos países sul-americanos nos últimos 40 anos”, disse.

Na Europa, com o aquecimento do mercado, as previsões apontam para crescimento, de até 10%, no segmento pesado, acima de 16 toneladas, com volume entre 220 mil e 250 mil contra as 227 unidades vendidas no ano passado.

“Nossos clientes reconhecem a excelente qualidade do produto, baixos custos operacionais e ótimo valor de revenda da DAF”, disse Harrie Schippers, presidente da DAF e vice-presidente da Paccar, que acrescenta ser a DAF a líder em mercados como os do Reino Unido, Holanda, Hungria e Polônia.

AUTOPEÇAS E SERVIÇOS FINANCEIROS

A divisão de autopeças, a Paccar parts gerou receita 4% no primeiro trimestre de 2015 sobre iguais meses do ano passado, saindo de um faturamento de US\$ 726,6 milhões para US\$ 752,7 milhões, com lucro antes de impostos de US\$ 138,9 milhões, aumento de 24% sobre os ganhos US\$ 112,1 milhões registrados há um ano.

“O crescimento em vendas de peças no mercado pós-vendas foi impulsionado pelos contínuos investimentos em distribuição, tecnologia e produtos, incluindo o crescimento da Paccar Parts no TRP global multimarcas.

Nossos clientes estão aumentando a quilometragem de suas frotas para atender às demandas de frete por meio da utilização dos caminhões em mais de 90%. Esses fatores positivos, e o crescimento no tamanho do parque de caminhões da América do Norte, estão contribuindo para excelentes negócios em peças e serviços”, disse David Danforth, gerente geral da Paccar Parts e vice-presidente da Paccar, que mantém 17 centros de distribuição em todo o mundo para atender as mais de 2 mil revendas das três marcas do grupo, DAF, Kenworth e Peterbilt.

Já a Paccar Financial Services (PFS) acusou queda de 3% na receita do trimestre, para US\$ 284,7 milhões, refletindo as taxas de câmbio mais baixas. O lucro antes de impostos chegou a US\$ 89 milhões, alta de 4%.

“O lucro da PFS aumentou devido aos maiores balanços de ativos e ao excelente desempenho do portfólio durante o primeiro trimestre de 2015”, disse Bob Bengston, vice-presidente sênior.

“O excelente balanço da PACCAR, complementado por suas classificações de crédito A+/A1, permitem que a PFS ofereça financiamento de varejo competitivo aos revendedores e clientes da Kenworth, Peterbilt e DAF, em 22 países de quatro continentes”, disse Todd Hubbard, presidente corporativo financeiro.

Com ativos totais de US\$ 11,8 bilhões a partir de um portfólio de 168 mil caminhões e reboques, a PFS mantém ainda uma divisão dedicada ao leasing na América do Norte e Europa, com uma frota total de 38 mil veículos.

Cade analisa na 4a-feira recurso da CSN sobre entrada da Ternium na Usiminas

05/05/2015 - Fonte: Reuters

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) vai analisar na próxima quarta-feira o pleito da CSN, que afirma que o grupo Ternium-Techint teria prestado informações enganosas quando entrou no grupo de controle da Usiminas, em 2012.

Segundo o relatório disponibilizado pelo Cade, a CSN argumenta que o grupo Ternium não apenas substituiu a Votorantim e a Camargo Corrêa no capital da Usiminas, mas que sua

entrada na empresa teria sido acompanhada de direitos e poderes que não teriam sido informados ao órgão antitruste.

Com isso, a CSN defende que o grupo Ternium-Techint tem que realizar uma oferta pública de aquisição de ações (OPA) aos minoritários ordinários da Usiminas.

No final de janeiro, o Cade, que havia aprovado a operação sem restrições em agosto de 2012, havia afirmado que iria revisar o ingresso da Techint na Usiminas.

O grupo Techint anunciou o ingresso no controle da Usiminas no final de 2011, após investimento de cerca de 5 bilhões de reais para ficar com fatia de 27,7 por cento na companhia que antes estava nas mãos de Votorantim e Camargo Corrêa.

Minoritários da Gerdau questionam a criação de um conselho consultivo

05/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

A gestora de recursos Guepardo questionou, durante assembleia da Metalúrgica Gerdau, a criação de um conselho consultivo remunerado na companhia e também o processo de eleição do conselho de administração.

Conforme a ata da assembleia, foi aprovado, por maioria de votos, a criação de um conselho consultivo na empresa, que deverá ser formado por Jorge, Germano, Klaus e Frederico Gerdau Johannpeter, todos da família controladora.

O novo órgão opinará sobre assuntos que lhe sejam encaminhados pelo conselho de administração. A gestora Guepardo avalia que a criação do conselho consultivo implica estrutura permanente que é "desnecessária, de função vagamente definida e custosa, e que pode potencialmente interferir nos poderes de direcionar os negócios da companhia dos órgãos estatutários legítimos".

Além disso, tal órgão, diz a Guepardo, não terá as garantias de representação social dos acionistas minoritários e implica fortalecimento do controlador em prejuízo dos minoritários.

Na opinião da gestora, isso configura exercício abusivo de poder e uma "tentativa do acionista controlador de solucionar problema de sucessão familiar, um problema privado que não diz respeito aos negócios da companhia".

A Guepardo pediu que o controlador que não votasse no tema, por conta de conflito de interesses e foi apoiada por outros minoritários, entre eles a gestora Poland. A Guepardo também avaliou que houve "irregularidades" na eleição do conselho de administração.

A assembleia deliberou pelo estabelecimento de 8 vagas e o controlador determinou a alocação de seus 874,128 milhões de votos igualmente em 6 candidatos.

Foram eleitos André, Claudio e Guilherme Gerdau Johannpeter; além de Expedito Luz, Affonso Celso Pastore e Oscar Bernardes Neto. A mesa, irregularmente no entender da Guepardo, reinterpreto a decisão de determinar 8 vagas como sendo obrigatoriamente 2 para votação em separado, estabelecendo um "suposto coeficiente mínimo de 124,635 votos por candidato para eleição".

Na apuração de votos, o responsável pela contagem anunciou que os minoritários não tinham completando o coeficiente e portanto duas vagas não seriam preenchidas. Durante a assembleia, os minoritários solicitaram a recontagem de votos e "acionistas terceiros solicitaram a retificação de votos registrados como abstenção".

Ainda segundo relato da Guepardo, anexado à ata da assembleia, "apesar de notar que o coeficiente mínimo tinha sido atingido, a mesa proclamou o resultado sem a retificação e com vacância de conselheiros, alegando que a referida retificação ocorrera após a apuração de votos".

A Guepardo deixa então registrado que qualquer retificação só poderia mesmo ocorrer após a apuração. A gestora Poland ratificou a manifestação da Guepardo sobre a eleição. A confusão entre controladores e minoritários na empresa já vinha acontecendo há dias em função do desejo da Metalúrgica de sair do Nível 1 de Governança da BM&FBovespa.

No entender dos minoritários, esse desejo atenderia apenas ao endereçamento de problemas de sucessão da companhia, uma vez que a intenção seria manter seus presidente e vice como co-presidentes do conselho - pelas regras do Nível 1, o mesmo executivo não pode acumular essas funções na companhia.

A saída do segmento de governança não foi aprovada na assembleia da Metalúrgica. Essa mesma discussão ocorreu na Gerdau, que voltou atrás na decisão de sair do nível 1.

Também a Gerdau aprovou em assembleia a criação do conselho consultivo formado pelos mesmos integrantes da Metalúrgica.

A Gerdau também elegeu um conselho de 6 integrantes. Na assembleia da Gerdau não há manifestação de acionistas. Neste ano, a Tarpon, acionista relevante da Gerdau, não indicou conselheiros. Procuradas, Guepardo e Gerdau não deram entrevista.

TERNIUM e NIPPON voltam a se enfrentar na justiça

05/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

O grupo Ternium- Techint depositou em uma conta da Usiminas parte do valor que teria sido pago irregularmente ao ex-presidente, Julián Eguren, a dois ex-diretores executivos da siderúrgica mineira. Os três estão afastados desde 25 de setembro. O depósito de R\$ 517.532,72, feito na segunda-feira da semana passada, foi registrado na ata da assembleia geral ordinária (AGO), ocorrida na terça.

A Ternium é um dos acionistas que integram o bloco de controle da Usiminas e sua iniciativa foi encarada pelos representantes da Nippon Steel & Sumitomo Metal Corporation, outro acionista controlador da empresa, como uma tentativa de influenciar o julgamento do caso envolvendo os três executivos.

O julgamento é esperado para ser retomado amanhã pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais, em Belo Horizonte. O resultado poderá levar à recondução dos executivos a seus cargos. Em fevereiro, o relator do processo votou a favor da ação impetrada pela Ternium.

Na ata, o grupo japonês afirma que "minutos antes" da reunião prévia do grupo de controle ocorrido na segunda, 27, o grupo Ternium-Techint apresentou uma notificação na qual "sustenta que os bônus irregulares referentes a 2012 e 2013 haviam sido devolvidos para a companhia" pela Ternium em nome dos executivos destituídos.

"Essa notificação teve, aparentemente, por objetivo influenciar o julgamento a ser conduzido pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais nos próximos dias, que trata do possível retorno dos diretores destituídos", segundo a ata.

Para o grupo japonês, a devolução de parte dos bônus recebidos pelos três executivos "evidenciou" a "preocupação desmedida" da Ternium de "evitar, a qualquer custo, uma

possível aprovação de uma ação de responsabilidade contra os diretores destituídos", conforme registrado na ata.

Se a assembleia aprovasse uma ação desse tipo, os executivos estariam impedidos de voltar, mesmo que a Justiça decida a favor deles. A Nippon disse ao Valor que vê o pagamento do meio milhão de reais feito pela Ternium como uma admissão de que houve irregularidades no pagamento aos executivos.

O grupo Ternium-Techint nega qualquer irregularidade cometida por Egurén, presidente da Usiminas até setembro, pelo vice-presidente de subsidiárias, Paolo Bassetti, e pelo vice-presidente industrial, Marcelo Chara. Todos foram destituídos em uma tumultuada eleição do conselho administrativo da Usiminas naquele mês.

A reportagem apurou que Ternium fez o depósito para realmente evitar que a assembleia decidisse por uma ação de responsabilidade contra os três. A empresa pretende buscar um ressarcimento desse valor.

A acionista tem dito que entende que o afastamento dos executivos foi motivado por uma disputa societária e que a alegação de irregularidade referente aos bônus é uma justificativa para mudar o comando da Usiminas.

O julgamento previsto para amanhã avaliará se o conselho da siderúrgica agiu ou não dentro da lei ao afastar os executivos.

Na quinta-feira, a Nippon e outras duas acionistas da Usiminas - Mitsubishi e Sumitomo - publicaram anúncio em jornais defendendo a manutenção da atual diretoria, citando o presidente interino Rômel Erwin de Souza como um executivo com "elevada capacidade de liderança".

Na guerra entre o grupo japonês e o italiano, a publicação soou como uma forma de o primeiro marcar posição às vésperas do julgamento sobre quem deve ficar no comando da siderúrgica.

Vale substitui produção de minério menos competitiva e avalia reduzir extração

05/05/2015 - Fonte: Reuters

Após registrar prejuízo no primeiro trimestre, a mineradora Vale vai substituir a produção de cerca de 22 milhões de toneladas de minério de ferro com menor qualidade e de maior custo neste ano e estuda ainda a retirada de outros volumes pouco competitivos, em meio ao cenário de preços baixos da commodity.

Mas a interrupção da produção de minas menos competitivas será realizada ao mesmo tempo em que a companhia entrega nova capacidade no sistema Sul e na Serra Leste de Carajás (PA), de cerca de 32 milhões de toneladas de minério, explicou o diretor-executivo de Ferrosos da companhia, Peter Poppinga, em teleconferência para comentar os resultados trimestrais.

Dessa forma, apesar da retirada de 22 milhões de toneladas, a empresa estaria entregando uma produção extra, neste ano, de 10 milhões de toneladas, disse Poppinga, o suficiente para atingir a meta de produção de 340 milhões, incluindo volume de terceiros.

Poppinga disse que outros 30 milhões de toneladas de minério menos competitivos estão sendo analisados e poderão ser paralisados, dependendo de como o mercado se comportar e se será interessante para a Vale. Ele não especificou um prazo para isso.

"Se o mercado demandar, nós estamos preparados para reduzir alguns fluxos de produção no Sul e no Sudeste para, além disso, otimizar e aumentar as nossas margens ainda mais", afirmou Poppinga. "A capacidade vai existir, a utilização dessa capacidade nós vamos fazer de uma forma bastante racional."

A maior produtora de minério de ferro do mundo registrou prejuízo líquido de 9,538 bilhões de reais no primeiro trimestre de 2015, terceiro trimestre consecutivo de perdas para a companhia, em meio a uma queda nos preços da commodity para mínimas em vários anos.

O presidente da Vale, Murilo Ferreira, frisou que a mineradora "tem minas de custos mais altos e que certamente podem ser ajustadas no decorrer do tempo".

"Mas isso não significa que vamos fechar 30 milhões de toneladas, nada disso, significa que elas estão sempre sob uma análise mais profunda", afirmou.

Por diversas vezes, Poppinga e Ferreira frisaram o grande esforço que a companhia está fazendo com foco na redução de custos, para enfrentar o cenário de preços baixos.

Depois de serem parabenizados por alguns analistas em relação à redução dos custos de produção, em relatórios publicados por bancos e durante a coletiva, Ferreira afirmou que a empresa ainda não está satisfeita com os resultados.

Após operarem em baixa na maior parte da manhã, as ações preferenciais da Vale chegaram a subir no início da tarde, mas tinham volatilidade por volta das 13h45. A ação ordinária subia mais de 2 por cento no mesmo horário.

Mineração enfrenta fim do superciclo das commodities

05/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

No início do século vínhamos de momento de grande insegurança no Brasil porque, assim como no governo atual, depois de quatro anos de Plano Real, estávamos com política monetária frouxa. No primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, o superávit fiscal era limitado.

Houve um processo necessário, em um primeiro momento, de fazer um ajuste fiscal seguido pela eleição de um governo popular que trouxe grande insegurança aos mercados, e o florescimento da China, que teve impacto decisivo sobre as operações das grandes mineradoras mundiais, inclusive a Vale.

Houve, no setor, necessidade de desenvolver projetos muito robustos e, ao mesmo tempo, construir rapidamente infraestrutura, uma vez que os governos de modo geral não foram capazes de fazê-lo. Também tivemos o surgimento da África como uma nova fronteira de exploração mineral.

A criação, a automação, a tecnologia e a inovação se fizeram presentes no setor de forma forte, assim como a preocupação com a sustentabilidade. Tivemos neste novo século uma mudança tecnológica muito grande.

As crises foram intensas. Tivemos a crise no Brasil de 2002-2003, com desvalorização cambial violentíssima em curto espaço de tempo, uma incapacidade da sociedade em entender a mudança que estava havendo.

Depois tivemos renovação do mandato do presidente Lula e entramos em um ciclo muito favorável da China. Foi o terceiro superciclo no setor de mineração que observamos

depois do ciclo americano no século passado e da reconstrução do Japão e da Europa, no pós-guerra.

Nós que observávamos uma queda constante desde a década de 1970 nos preços das principais commodities, de repente vimos um aumento substancial.

O consumo de minério de ferro foi tão intenso que vimos a exaustão das reservas em rapidez muito grande. Como resultado, a capacidade das mineradoras de prover novas descobertas, fazer expansões e utilizar novas tecnologias tornou-se o grande desafio dos últimos anos.

Em termos de perspectivas, acreditamos que o superciclo das commodities acabou e que vamos ter que nos defrontar cada vez mais com novos desafios que passam por conviver com uma sociedade que demanda menos matéria-prima, mas é capaz de fornecê-la de forma mais eficiente.

Temos desafios de ambiente, de comunidade, de relacionamento institucional assim como de conviver com uma exploração que respeita cada vez mais o envolvimento do homem e do clima.

Máquinas agrícolas do Brasil interessam ao Marrocos

05/05/2015 - Fonte: ANBA

O mercado marroquino tem interesse nas máquinas agrícolas brasileiras para colocar em pé seus planos de aumentar a produção da agricultura. A demanda pela tecnologia foi apresentada durante participação do Brasil no Salão Internacional da Agricultura do Marrocos (Siam), que começou na terça-feira (28) e segue até o próximo domingo (3). Várias pessoas que passaram pelo estande nacional na feira manifestaram o interesse.

A presença brasileira é organizada pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira em parceria com o Ministério das Relações Exteriores e com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

“O setor agrícola tem incentivo grande do governo, existe um projeto para promover a agricultura no país”, relata a executiva de Negócios Internacionais da Câmara Árabe, Fernanda Baltazar, que representa a entidade na mostra juntamente com o analista de Negócios, Sidi Ahmid.

A Câmara Árabe levou para a feira marroquina materiais promocionais dos seus associados do segmento, como as empresas Marchesan, Ferraz e ADM, de maquinário, além da Florestal, de alimentos. Eles são distribuídos para importadores que procuram o estande brasileiro. Também há um profissional da Abiec no estande.

Além de tecnologia, a feira está apresentando demanda por alimentos. Um dos objetivos da participação nacional é a abertura do mercado de carne bovina do Marrocos e em função disto a Abiec participa da mostra. O país árabe mudou neste mês o conteúdo da certificação que exige para importar carne bovina brasileira.

Até então havia a exigência de que as exportações viessem de frigoríficos inspecionados e listados pelo Marrocos, item que caiu, abrindo o mercado para as empresas em geral. O país, porém, ainda tem imposto de importação de 200% para o produto.

Os profissionais da Câmara Árabe e a Abiec estiveram reunidos com o embaixador do Brasil em Rabat, Frederico S. Duque Estrada Meyer, que manifestou acreditar que o mercado de carne bovina marroquino é promissor.

A participação na Siam é uma das ações feitas para começar a trabalhar o segmento, manter contato com distribuidores e tentar resolver a taxa alta. "A Câmara Árabe tem percebido já há algum tempo o interesse do mercado marroquino na carne bovina brasileira", disse Baltazar em entrevista à ANBA por telefone.

A Siam também está apresentando outras demandas e oportunidades. De acordo com a executiva da Câmara Árabe, o estande foi procurado, por exemplo, por produtores de óleo de argan interessados no mercado de cosméticos do Brasil.

O Marrocos é o terceiro maior mercado do Brasil em países do Norte da África, atrás apenas do Egito e da Argélia. No ano passado, o País faturou US\$ 568,3 milhões com exportações aos marroquinos, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) compilados pela Câmara Árabe.

Os principais produtos comercializados foram açúcar, cereais e máquinas agrícolas. O país árabe tem na sua agricultura o cultivo e produção de oliveiras, cevada, trigo, frutas cítricas, uvas, legumes, azeitonas e vinho, entre outros.

Queda no consumo projeta ano crítico para a siderurgia

05/05/2015 - Fonte: Hoje em Dia

Ainda maior parque siderúrgico do país, na iminência de perder o posto para o Rio de Janeiro, as usinas de aço instaladas em Minas Gerais terão um ano de dificuldades, com perspectivas de negócios fracos geradas pela retração econômica do país e pelas adversidades enfrentadas por seus principais clientes: setor automotivo, da construção, linha branca e infraestrutura.

A projeção do Instituto Aço Brasil é de redução de 7,8% no consumo aparente de aço em relação a 2014, atingindo 22,7 milhões de toneladas, patamar próximo ao registrado em 2007.

O Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda) vai revisar sua projeção de vendas para este ano, que ainda é oficialmente de queda de 5%. Dada a deterioração do cenário econômico e a inexistência de indicadores que apontem para melhorias, a nova previsão deverá ficar em torno de 8%, segundo o presidente da entidade, Carlos Loureiro.

"A situação do mercado apresenta pioras, com alta ociosidade nos nossos clientes. Em novembro prevíamos para 2015 crescimento de 2%, passou para os atuais 5% de queda, mas teremos que ajustar esse dado para mais de perto de retração de 10% do que de 5%", afirmou.

O último levantamento realizado pelo Inda apurou retração de 16,2% nas vendas de aços planos sobre igual intervalo do ano passado. No mês de março, a redução foi de 9,3% ante o mesmo mês de 2014.

No setor de aços planos, Minas Gerais é sede da maior fabricante do país, a Usiminas, em Ipatinga, no Vale do Aço. A companhia publicou recentemente seu balanço financeiro do primeiro trimestre do ano, e o resultado dá a dimensão da crise.

De janeiro a março, a Usiminas acumulou prejuízo líquido de R\$ 235 milhões, o segundo resultado trimestral negativo consecutivo. No quarto trimestre de 2014 a companhia fechou no vermelho em R\$ 117 milhões.

A CSN, concorrente direta da Usiminas, com produção concentrada em Volta Redonda (RJ), ainda não publicou seu balanço do primeiro trimestre, porém a perspectiva é de um resultado fraco.

“As empresas de aços planos produzem basicamente para atender o mercado interno e o primeiro semestre será de negócios fracos. O segundo depende do sucesso do governo com seus planos de concessão e aportes em infraestrutura”, disse Pedro Galdi, analista de mercado da WhatsCall.

Readequação de custos chega ao mercado de trabalho

A necessidade de ajustar custos à nova realidade do mercado já atinge o emprego. De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos de Ouro Branco, para que não se configure demissão em massa, quando é necessário abrir negociações com o sindicato, as siderúrgicas instaladas na região demitem a “conta-gotas”, mas a soma das dispensas já é significativa.

De dezembro a maio, de acordo com o sindicato, foram 507 demissões homologadas pela entidade que representa os trabalhadores. O sindicato estuda a possibilidade de se reunir com as empresas e propôr um Plano de Desligamento Voluntário (PDV) retroativo.

No Vale do Aço, polo de produção siderúrgica no Estado, o Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga e Região (Sindipa) alega que a rotatividade dos trabalhadores aumentou porque as empresas estão trocando funcionários com salário mais alto por outros com remunerações menores.

Investimento

Enquanto em Minas Gerais os planos de novas usinas são engavetados, como a da CSN em Congonhas, em outros estados ainda existem novos aportes. A diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou na semana passada financiamento de R\$ 2,3 bilhões para a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP).

Os recursos serão destinados à construção da usina, no município de São Gonçalo do Amarante (CE), com capacidade de produção de até 3 milhões de toneladas/ano de aço.

Com o investimento total de cerca de R\$ 12,7 bilhões estão sendo gerados mais de 17 mil empregos diretos e indiretos durante as obras. A previsão é de que o início da produção ocorra no primeiro semestre de 2016. O controle acionário da CSP é exercido de forma compartilhada pela Vale e pelas sul-coreanas Dongkuk e Posco.

Analistas esperam balanço da CSN no 1º Tri com prejuízo

05/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

A deterioração dos preços do minério de ferro, a piora na demanda por aço no Brasil e o efeito do câmbio sobre o endividamento provavelmente derrubaram o resultado da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no primeiro trimestre, preveem analistas consultados pelo Valor. O balanço será publicado amanhã, dia 6, antes da abertura do pregão na BM&FBovespa.

De acordo com a média de projeções coletadas com Bank of America Merrill Lynch (BofA), Credit Suisse, Itaú BBA, J.P. Morgan, Morgan Stanley e Santander, o prejuízo líquido ficou em R\$ 519,5 bilhão entre janeiro e março. No mesmo período de 2014, a empresa havia registrado lucro líquido de R\$ 52,1 milhões.

O principal fator apontado pela piora foi a queda do real ante o dólar. O efeito cambial pressiona diretamente a última linha do balanço da siderúrgica, já que em dezembro cerca de 46% do endividamento bruto de R\$ 30 bilhões da CSN estava denominado em moeda estrangeira.

No fim do ano passado, a alavancagem, medida pela relação entre dívida líquida e lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês), chegou à preocupante marca de 4 vezes.

Nos últimos três meses de 2014, todavia, a companhia decidiu adotar a contabilidade de hedge, metodologia contábil que permite registrar a variação cambial no patrimônio até que as receitas em dólar sejam recebidas. Após as exportações é que essa variação líquida seria lançada no resultado. Mesmo assim, os analistas continuam esperando perdas cambiais.

Pelo lado operacional, a situação também é complicada para a CSN. A média de projeções aponta para queda de 12,5% da receita líquida durante o primeiro trimestre, frente ao mesmo período do ano passado, para R\$ 3,83 bilhões. Além disso, o Ebitda é estimado em R\$ 829,8 milhões, recuo de 42,4% sobre as mesmas bases de comparação.

Desde a teleconferência do quarto trimestre, a companhia já havia informado que buscava aumentar o volume destinado à exportação, o que, com o dólar mais forte, iria ajudar nos ganhos com vendas. A expectativa é que o faturamento por tonelada de aço vendido no Brasil também suba, dado o reajuste de preços anunciado em janeiro para distribuidores e alguns clientes industriais.

Mesmo assim, o Santander lembra que no mercado doméstico a procura está menor e projeta recuo de 17% no volume vendido por aqui, para 836 mil toneladas. Outro fator que deve ser prejudicial à receita é o recuo dos preços do minério de ferro no mercado internacional.

O Credit Suisse ainda cita a possibilidade de a CSN não só ter vendido menos minério no primeiro trimestre, como também a chance de falhar em alcançar a meta de 26 milhões de toneladas comercializadas em 2015 como um todo. Isso pesaria ainda mais sobre o faturamento da empresa - e sobre suas margens, já que a rentabilidade da divisão é historicamente superior.

Após apresentar o balanço do período, pela manhã, a siderúrgica realiza teleconferência com investidores e analistas para comentar os números a partir das 11h.

Embarques de minério de ferro da Austrália para China caem 4% em abril ante março

05/05/2015 - Fonte: Reuters

As exportações de minério de ferro da Austrália para a China a partir de Port Hedland, o maior terminal do mundo para embarques da matéria-prima, caíram 4 por cento em abril em relação a março, segundo números da administração portuária, indicando a demanda das siderúrgicas chinesas diminuindo em meio a uma desaceleração no setor de construção.

As exportações da matéria-prima para maior parceiro comercial da Austrália totalizaram 30,1 milhões de toneladas, ante 31,2 milhões de toneladas do mês anterior, de acordo com a autoridade portuária dos portos de Pilbara.

O total mensal, no entanto, representa um aumento de 4 por cento em relação ao mesmo mês do ano passado, quando houve um salto de 50 por cento pela forte demanda por minério de ferro naquela época.

Mas o apetite da China por minério de ferro diminuiu, enviando o preço de referência da commodity para níveis mínimos recordes em abril.

Uma sondagem junto a empresas privadas publicada na segunda-feira mostrou que as fábricas da China sofreram sua queda mais rápida da atividade em um ano em abril, com novas encomendas encolhendo.

Port Hedland, que movimenta cerca de um quinto do comércio transoceânico de minério de ferro do mundo, é usado por BHP Billiton, Fortescue Metals Group e Atlas Iron para envio de cargas de minério de ferro.

Os embarques de minério de ferro em abril para a Coreia do Sul aumentaram 27 por cento, para 2,8 milhões de toneladas, mas as exportações para o Japão caíram 40 por cento, para 1,2 milhão de toneladas, ante níveis de março, mostraram os dados portuários.

Para analistas, indústria recuou 0,3% em março

05/05/2015 - Fonte: Valor Econômico

O acúmulo de estoques e o comportamento ruim de indicadores antecedentes apontam que a indústria recuou novamente em março, deixando pouco espaço para uma alta do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre.

Segundo a média de projeções de 19 instituições financeiras e consultorias ouvidas pelo Valor Data, a produção industrial caiu 0,3% entre fevereiro e março, feitos ajustes sazonais, depois de ter diminuído 0,9% na comparação anterior.

As estimativas para a Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), a ser divulgada amanhã pelo IBGE, vão de retração de 1% até alta de 1,1%. Mesmo entre os analistas que preveem aumento da produção no período, no entanto, a percepção sobre o setor não é positiva, uma vez que março teve um maior número de dias úteis do que fevereiro e março do ano passado.

Este é o caso da Rosenberg & Associados, que, no teto das previsões, trabalha com avanço de 1,1% para a indústria na passagem mensal. Em relatório, a consultoria afirma que, apesar do número "razoável", ainda está longe de se configurar uma recuperação do setor industrial.

Segundo a Rosenberg, a alta reflete, em parte, o recuo mais forte da produção em fevereiro devido à extensão das férias coletivas. Já na comparação com março do ano passado, a expectativa é de expansão de apenas 0,1% da atividade industrial, mesmo com o menor número de dias úteis no período por conta do Carnaval. Em 2015, o feriado caiu no segundo mês do ano.

Para Leandro Padulla, da MCM Consultores, os mesmos fatores que prejudicaram o desempenho da indústria no fim de 2014 continuaram presentes neste início de ano.

"Bens de consumo duráveis e bens de capital continuam sendo os destaques negativos, mas a queda do setor é generalizada", diz Padulla, que ressalta a influência negativa do acúmulo de estoques sobre estes dois segmentos, devido à demanda interna bastante enfraquecida.

De acordo com a Sondagem da Indústria de Transformação, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o indicador de estoques do setor neste mesmo período subiu 1%, a 111,3 pontos. Isto significa que, em março, a proporção de empresas com inventários em excesso superou a fatia de empresas com inventários insuficientes em 11,3 pontos percentuais.

Padulla afirma que, mesmo com a trajetória declinante da produção, os setores de bens duráveis e de capital não estão conseguindo ajustar seus estoques, o que indica mais demissões nos próximos meses.

"Se a situação na indústria automobilística não melhorar, os cortes de pessoal devem se aprofundar", diz o economista. A partir de números da Anfavea (entidade que reúne as montadoras do país), a MCM calcula que a produção de veículos encolheu 2,2% de fevereiro para março descontados os efeitos sazonais, depois de já ter recuado na mesma intensidade no mês anterior.

Outro indicativo de comportamento fraco da produção é o desempenho das vendas de papelão ondulado calculadas pela associação de empresas do setor, que diminuíram 0,3% na passagem mensal, também de acordo com o ajuste da MCM.

Medido pelo índice de atividade ABCR, o fluxo pedagiado de veículos pesados cresceu 4,3%, mas Padulla pondera que o resultado foi impulsionado pela base de comparação fraca de fevereiro, quando o fluxo foi restringido pela greve dos caminhoneiros.

Caso a previsão da MCM para março se confirme, a produção industrial terá terminado o primeiro trimestre em nível 2,1% inferior aos últimos três meses do ano passado. Esta seria a sétima queda trimestral consecutiva do indicador.

Para Padulla, o número corrobora o cenário da consultoria para o PIB na mesma comparação, que, em seus cálculos, recuou 0,5% de janeiro a março. Na média do ano, mesmo contando com alguma melhora no segundo semestre, ele estima queda de 3,4% da produção sobre 2014.